

O Estouro da Boiada

José Honório de Sylós

O belo trabalho abaixo, de autoria do nosso conterrâneo sr. José Honório de Sylós, foi publicado em 31 de Outubro de 1931, na revista "O Comentário". Por especial deferência do autor, contemporâneo e amigo de Euclides da Cunha, é ele transladado para estas colunas, para deleite dos nossos leitores.

O tempo não amortece o renome dos personagens de valor real, que na antiguidade, como nos séculos modernos, são incorporados à mitologia dos povos. Suas nacionalidades são contestadas, os traços de seu caráter, seu talento, suas virtudes, seus feitos, sua vida social e doméstica, são investigados, pontinho por pontinho, e enredados em fábulas, a capricho dos admiradores fantasistas, transmitem-se por escrito e oralmente com deturpação da verdade. A personalidade histórica dos grandes homens, em sua individualidade física e anímica, à força de ser retratada com afeição, vai sendo modificada, e muitas vezes só aparece através de lendas.

Com Euclides da Cunha o fenômeno manifestou-se prematuramente. Não houve interferência do fator tempo. Apenas caiu no túmulo, empurrado pela brutalidade de um crime hediondo, começou a viver a vida legendária, em uma mansão à parte, sendo sempre relembrado pelo lado poético, com bordaduras e arabescos a entremear os episódios de sua vida.

A saudade é, como qualquer paixão que alvoroça o músculo vital, uma artista que sabe tecer novelas e enfeitar coloridamente as narrativas.

Uma das páginas mais luzidas de "Os Sertões", o livro escrito, ou antes refundido, nestas paragens, de que nos ficou, como um relicário, o ranchinho, onde foram traçados tantos e belos capítulos da obra primacial de Euclides, uma das páginas mais luzidas é indubitavelmente, a descrição do "estouro da boiada", onde o espírito alcandorado de Rui Barbosa hauriu inspiração para uma de suas mais eloquentes orações.

Sobre esse capítulo do livro magno da brasilidade, corre uma história faceta, completamente corrompida pelo Sr. Viriato Correia, a qual vem sendo repetida, com novos efeitos e enfeites, à medida que os anos decorrem e a saudade cresce, com a devoção da mocidade estudiosa, que elegeu Euclides da Cunha o reformador das letras nacionais, o restaurador do indianismo no Brasil.

A não ser Euclides da Cunha, a não ser a infantildade daquela alma adorável, nenhum outro seria capaz de ir contar no Rio de Janeiro um caso de contestável relêvo, ocorrido na intimidade de quatro amigos.

Vamos reproduzi-lo em toda a sua simplicidade, ainda que pese ao lateiro de Baús Velhos, expondo à luz solar um infeliz plágio do contumaz pretendente ao fardão da Academia de Letras.

Acompanhando uma das expedições militares contra Canuós, Euclides perambulou as caatingas e carrascais dos sertões baianos, retratando com perfeita arte e estilo original as zonas ardentes e desenhando admiravelmente as suas populações, que tiram recursos da indústria pastoril. Então, muitas vezes chegaram-lhe aos ouvidos, descrevendo pitorescamente, no linguajar dos sertanistas, as arrancadas, os estrondos ou estouros de gado. Nunca se lhe deparou, porém, uma oportunidade de testemunhar um desses quadros de alvoroço da vida bucólica no interior do Brasil.

O Cel. João Batista de Souza Moreira, muito chegado a Euclides, e, por ele muito apreciado pela graça com que adubava anedotas, deu-lhe a conhecer, certo dia, um mineiro velho, cuja profissão, em sua mocidade, era a de comboieiro de gado para a antiga Corte.

Conservava fresca memória de suas viagens na última metade do século passado. Havia certa eloquência e agrado no sotaque amineirado daquele narrador queimado pelo sol, creatura genéticamente brasileira, vaqueiro nas lides rudes, a relembrar suas viagens, através

maus tempos por estradas tortuosas, serpenteando por entre florestas soturnas e serranias bravas, conduzindo rezes aruás, ou espantadiças, que, sem mais nem menos, parece viam o diabo e desembestavam numa corrida louca, destruindo tudo quanto se lhes antepunha, fazendo tremer a terra com o estrepito de seus passos pesados e atroando o ar com o embate seco das guampas... Que "até fedia chifre queimado".

A pintura caipiresca do velho mineiro, cujo nome evoco de balde, agradou ao escritor que a trasladou para o seu primoroso livro, imprimindo-lhe a sua individualidade de finíssimo lapidador da palavra e engastando na literatura pátria uma jóia de alto valor.

Seguindo a trilha mais batida dos novelistas pátrios, quando estudam os costumes das cidades do interior, o sr. Viriato Correia não pôde compreender a sociedade de São José do Rio Pardo, senão como costumam desenhar as aldeias. O cristal das lunetas dos literatos das capitais só lhes permite uma visão falsa. Para eles a existência intelectual dos ignaros lugares centrais do país se consubstancia no juiz, promotor e um boticário. Este último assinala-se em todos os romances, cujas cenas se desenrolam nos meios provincianos. A imaginação do sr. Viriato não entrou em grandes trabalhos para descobrir um boticário entre os reduzidos amigos de Euclides. No entender do romantizador de nossa História toda a literatura, que se ocupar dos caipiras, deve inscrever na comparsaria dos protagonistas um farmacêutico. Sem sair de seus gabinetes, ou redação dos jornais, desconhecendo de nossa gente, de nossas usanças, quase que capitulam por bárbaros os seus patricios roceiros, sobre os quais projetam zombarias e ridículos. Para os historiadores e caricaturistas dos brasileiros que vegetam fora das grandes cidades, Euclides esteve insulado por estas bandas do rio Pardo.

Durante os três anos que permaneceu entre nós, além do Cel. João Moreira, lidavam mais intimamente com o escritor quatro amigos, dos quais somente sobrevive o gatafunhador desta notícia. Os outros eram: Francisco Escobar, que lhe fôra amigo do peito e confidante, de quem já se disse que lhe servira de Mecenas suígeneris; Adalgiso Pereira da Silva, jovem literato e professor proficiente e dr. Jovino de Sylós. Uma noite, três de nós estávamos reunidos em casa de Euclides, reuniões que não eram raras e leu-nos ele alguns capítulos da sua principal obra, entre os quais aquele que insere o estouro da boiada. Um dos presentes, sob o encanto da descrição, disse-lhe que, entre os seus desprezíveis contos, havia um que versava sobre o mesmo motivo e que estava destinado a desaparecer, pois era destituído da riqueza de descrição e da linguagem de "Os Sertões".

No dia seguinte, bem cedo, Euclides foi procurar o amigo, insistindo para que lhe desse a ler o conto. Foi-lhe respondido que o conta já tinha recebido o seu destino: fôra rasgado.

A repercussão do incidente só poderia ter um porta-voz. Euclides da Cunha adorava a verdade, não acrescentaria um til ao fato.

Viriato Correia poetizou o caso, com o desembaraço de folhetinista, e passou a dizer que: — "um caipira que se houvera frequentado escola teria ido longe"; que "possuía um caderno de versos"; que "cojejava seus escritos com os de Euclides", e foi dizendo caraminholas até contar que, quando se deu o cotejo com o "estouro da boiada", o tal enfiou-se, amoutou-se, sendo encontrados depois os fragmentos de seu conto no chão.

A lenda tem criado asas, e raro é o biógrafo de Euclides que não a engaste, à guisa de adorno, em seus trabalhos polidos, glorificando o malgrado e saudoso escritor. Não desejo desmoroná-la, lembrando um episódio da vida do homem, que em sua curta passagem por esta cidade, elaborou um livro que tem exercido sobre as letras e a mentalidade brasileiras tanta influência, quanto as obras de A. Herculano sobre a literatura portuguesa. Que continue a correr mundo, a voar por este Brasil inteiro.

As vidas dos grandes homens, como as dos santos, seriam esquecidas se deixas-

sem de ser envolvidas por um nimbo de poesia, se deixassem de ser ilustradas pelas lendas.

Que ela sirva de título de recomendação para a candidatura de seu autor na Academia de Letras. Absolva-se-lhe a improbidade literária de colocar um pobre caipira riopardense no mesmo estalão daquele monge que costumava ler nos séculos de seu convento suas produções poéticas em louvor a Deus. Na noite, em que São Bernardo leu o Pange língua, convulsionou-o uma emoção tão profunda, que ele rasgou a composição que trazia na manga de seu hábito de burel.

A psicoanálise poderá explicar como é que se conservou no inconsciente de um escritor o que ele deletreara, talvez em sua mente, nalgum florilégio de frases.

(Retranscrito da "Gazeta do Rio Pardos santos, seriam esquecidas se deixas-